

Gros: política do feijão-com-arroz tem vida curta

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — O Presidente do Banco Central, Francisco Gros, tem se caracterizado como a voz mais contundente, dentro do Governo, no diagnóstico da crise brasileira. Em recente encontro com empresários em São Paulo, Gros não usou de meias palavras para expor o que pensa do atual quadro econômico:

— Todos nós sabemos que essa política do feijão-com-arroz tem fôlego curto, é uma coisa provisória para se tentar as mudanças estruturais — disse o Presidente do BC ao seletº grupo de empresários, do qual faziam parte Olacir de Moraes, Eugênio Staub e Olavo Setúbal.

Gros disse que o Governo não tem muito mais o que fazer. E sugeriu: “Cada um dos senhores tem de procurar influenciar o Congresso para que aprove mudanças na Constituição. Sem isso, não sei o que será”.

O Presidente do BC confessou a amigos que gostaria de expor mais abertamente suas idéias, mas adota a cautela por dois mo-

tivos: primeiro, porque o seu superior imediato, o Ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, não gosta de falar muito. A segunda razão é que, num momento de tensão e incertezas, as palavras das autoridades têm de ser muito bem medidas para não espalharem o pânico.

Na reunião de quinta-feira, em Brasília, para discutir a redução das taxas juros, o contraste entre o estilo contundente de Gros e o discurso cauteloso de Marcílio ficou evidente. Os empresários disseram que não podiam deixar Brasília sem uma definição sobre os juros. Gros, por cerca de 30 minutos, expôs as razões para os juros altos e finalizou com uma dura observação: “Subimos os juros porque a inflação aumentou. Então, os senhores não podem dizer que a inflação vai subir por causa dos juros”.

Marcílio tratou de desanuviar o ambiente, observando que a questão era tecnicamente delicada e que o melhor seria prosseguir as discussões até se chegar a um consenso. Daí surgiu a idéia de marcar uma outra reunião para se buscar uma saída.